

1) Arte e identidade, tanto podem caminhar juntas ao mesmo tempo como podem ser a um dado momento uma só coisa, uma só representação. No momento em que digo de Arte brasileira, pintura Ruprestre, pintura Yanomami, muralista, Boneca do Vale do Jequitinhonha eu falo de signos que nos remetem a locais, a pessoas, a culturas distintas que agem, se expressam sob uma única, a arte.

Fada um que vive em sociedade ou não, por isto não é determinante, tem sua própria cultura. Foi criado sob estas influências dogmas e modos de vida, relaciona-se com o outro na formação mais comum ou mesmo na mais formal como a educação, pois as questões da civilização nos impõe questões tanto etnocêntricas como como androcêntricas. Muitas imposições estas questões são tratadas com o "eu" ou "nós" inicia-se na escola de maneira mais concentrada e forte. É na escola que saberemos como o Professor educará aos alunos, com quais influências pessoais e culturais este profissional será capaz de lidar em sala de aula. Como será capaz de "lapidar" aquelas crianças e suas identidades únicas e ao mesmo tempo tão distintas, pois são vindas de uma casa e contexto familiar. Esta aqui é bom papel do Professor na discussão da cidadania e preservação de identidade até o momento em que poderá transmitir aos alunos novos conceitos que se somarão aos dele, trazidos do seu contexto e relações fora escola.

Neste caminho é necessário observar o desenvolvimento do olhar sobre o papel do colonizador cultural, seus hábitos, costumes e todas as suas questões à luz da contemporaneidade, onde todos têm uma identidade, porém assimilamos por relações estas tentas. Acabamos por ser uma misturada a tantas que acabamos num só coletivo. Um papel distinto e ao mesmo tempo único na ação e somatória entre culturas, arte e educação na formação do cidadão que se torna porém, alguém múltiplo no processo que se segue ao compartilhar aquilo que lhe é assimilado como "colonizado" à "colonizador".

2

Fomentar debates e questionamentos sobre temas ligados às questões de raça-étnica através de produções artísticas ao longo da história, não foi até algum tempo uma prática comum, ou mesmo motivação ao debate crítico, na articulação, produção de novas políticas da memória.

Muitas obras de literatura transformadas para outras bases com arte plástica, teatro ou cinema, trouxeram ao lume temas e possibilidades deste debate democrático a todos os leitores e espectadores, uma vez obras como o *Mulato* de Machado de Assis, *Orfeu* e *Mucunaíma*, dos grandes autores me esqueço; tiveram cada uma a seu modo, para trazer um específico um núcleo de discussão raça-étnica e memória. Em *Plot* de Sebastião Salgado, que no seu âmbito estático, dialoga com seu espectador de modo direto relacionando-o com o autor e consigo próprio, ali diante da obra.

Vick Muniz trabalha a questão quando utiliza tudo o que vemos veros e diversos produzem. Linhas podem e são trabalhadas como componentes de memória para a arte, na medida em que o produzimos em nossa mente cultura. São vestígios da população que o produz.

Mais anteriormente temas na história exemplar como o de *Debut* e outras mais recentes, que pelo Brasil pré-colonial e colonial apresentaram as mais variadas etnias, a sociedade, as relações, o poder. *Debut* até Di Cavalcanti, mostraram-nos através do tempo e da história que as relações nem tanto mudaram. Em *Debut* o negro vendia quitutes sobre esteiras nas ruas, era aceitado no tranco em praça pública, já em Di Cavalcanti, o negro era excluído nas lavanderias de café, o caboclo era esturricado ao sol. Obras embriadas para o debate que antes não existia e agora é trazido à tona com propriedades, pois são obras de transmemória, importantes nas discussões e pensamentos mais contemporâneos.

3

Como e qual era o significado e o debate sobre a cultura brasileira há tempos atrás? Haveria uma pesquisa quanto a sua singularidade e hegemonia? Isso me trazido ao debate enquanto ao ensino de história de Arte e Arte propriamente dita? Quanto importante quando temos como foco a grande e indiscriminada utilização da forma folclorizada para que foi tratada a cultura do povo originário. A cultura do povo originário tem tido este tipo de tratamento a décadas. Um olhar com perspectivas conservadoras, paternalistas e até certo ponto carnavalesca.

Aí eles, povo originários, um território para que se possa ali conservar com seus valores e saberes, com suas representações culturais e seus costumes, suas formas e hábitos de vida. Suas festas, músicas e sua dança nos povos do "saber" podemos utilizar, explorar, transgredir nos mais diversos plataformas e usos. A nível era do "perquisador" para o "perquisado". O saber sobre o fazer, os estereótipos e as caricaturas. Até até que o ensino se volta ao ponto de vista do povo, a discussão e pesquisa sem o olhar da explorada e se porta a Educação artística que deixa de ser só uso de esquadros e régua, discussões de pontos e linha. Assume o nível cultural mais complexo de arte.

Segue-se deste modo a melhor formação curricular dos professores como um todo, trazendo-os as práticas conceituais e artísticas para as salas de aula, melhorando a relação de fonte e difusão para uma educação indesejada, democrática menos folclorizada. A aproximação do que era distante entre a concepção curricular e as práticas pedagógicas resultaram melhor efeito na formação de todos. Os maiores beneficiados são os alunos, pois os professores estão mais preparados para a promoção cidadã. História da arte, Arte em práticas unidas a pedagogia são todos sinônimos de melhoria e ensino na educação brasileira.